



proto-história e romanização

guerreiros e colonizadores

Este volume contém os textos das comunicações apresentadas à sessão “Guerreiros e Camponeses: Quem procurar?”, dedicada à Proto-história e Romanização.

O título sugere bem o problema arqueológico com que esta região se defronta hoje. Se o Vale do Côa apresenta o mais importante conjunto de arte rupestre proto-histórica da Península Ibérica, o conhecimento desta arte não é acompanhado por um reconhecimento das populações que a produziram e vivenciaram.

A leitura deste volume dá-nos uma perspectiva abrangente de guerreiros e camponeses, em volta da arte rupestre do Vale do Côa. Continuamos, contudo, a saber mais dos guerreiros do que dos camponeses, mais da arte do que dos artistas, e mais dos invasores do que dos invadidos.

03

proto-história e romanização

guerreiros e colonizadores

III congresso de arqueologia

trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque
Arqueológico
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



Governo da
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



Pinhel, 17 de Maio de 2006

03

proto-história e romanização

guerreiros e
colonizadores

III congresso de arqueologia

trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

índice

- 4 **prefácio**
António Ruas
- 5 **introdução**
Luís Luís e António do Nascimento Sá Coixão
- 8 acta 1
Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- 29 acta 2
Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização
António do Nascimento Sá Coixão
- 56 acta 3
Cidadelhe e a Proto-história e a Romanização de Médio Côa
Manuel Sabino G. Perestrelo
- 72 acta 4
Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda
Susana Rodrigues Cosme
- 81 acta 5
A villa romana do Prado Galego. Breves notas sobre a campanha de 2006
Maria Pilar dos Reis e Fernando Santos
- 85 acta 6
Proto-história e romanização no monte de Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais
Carla Maria Braz Martins

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação Científica da Sessão

António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação da Publicação

Luís Luís

Autores

António Ruas, António Sá Coixão, Carla Maria Braz Martins, Fernando Santos, Francisco Sande Lemos, Gonçalo Cruz, Luís Luís, Manuel Sabino G. Perestrelo, Maria Pilar dos Reis, Susana Rodrigues Cosme

Gestão Editorial

Setepés.Arte

Revisão de Textos

Luís Luís e autores

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Legal**Tiragem**

1000 Exemplares

acta 4

Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda

Susana Rodrigues Cosme

(Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

E-mai: susanacosme70@hotmail.com)

Resumo

Do despovoamento na Proto-história à profusão populacional da época Romana ou da falta de investigação ao desconhecimento? Parece-nos estarmos perante a segunda hipótese e como tal trazemos a este congresso mais algumas achegas ao conhecimento histórico-arqueológico deste interior, que lentamente começa a dar-se a conhecer.

Trazemos até vós mais uma gravura da Idade do Ferro encontrada na estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões em Almendra e o seu enquadramento na região e numa estação de datação tardo-romana.

Tentamos propor, ainda, algumas soluções de povoamento para estas épocas da nossa história neste espaço geográfico, após algum trabalho de prospecção realizado entre o Côa e o Águeda, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo e nas freguesias de Almendra e Castelo Melhor do concelho de Vila Nova de Foz Côa.

O que nos propomos com este trabalho é alargar a nossa procura, para além dos guerreiros e camponeses que fazem título a esta sessão.

Introdução

Este trabalho pretende dar a conhecer uma gravura da Idade do Ferro exumada na estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões e tentar fazer o seu enquadramento na região e numa estação de datação tardo-romana.

A área geográfica entre o rio Côa e o rio Águeda, mais precisamente, todo o concelho de Figueira de Castelo Rodrigo e as freguesias de Almendra e de Castelo Melhor do concelho de Vila Nova de Foz Côa, foram a base de um trabalho no âmbito de uma tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2002 (Cosme, 2002).

O trabalho de prospecção e estudo centrou-se basicamente nos sítios com ocupação romana e/ou medieval, pois era esse o âmbito cronológico do nosso trabalho. Claro que, entre os sítios visitados, foi possível registar ocupações mais antigas e/ou mais recentes, em alguns dos sítios.

O centro desta comunicação como já referimos é uma pedra de xisto com gravuras da Idade do Ferro.

Problemáticas

Esta pedra, só por si, levanta várias questões: o sítio onde foi encontrada; o seu contexto arqueológico; a sua tipologia; a sua funcionalidade ou funcionalidades; a sua cronologia. E em termos artísticos: o que representa; que técnica foi utilizada.

No sítio de Aldeia Nova/Olival dos Telhões, na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, foi realizada uma intervenção arqueológica, inserida num Projecto de Investigação para o Grupo de Estudos da História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (GEHVID) iniciado em 1995. Mais tarde, este projecto foi candidatado a um Projecto Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA) apresentado ao Instituto Português de Arqueologia (IPA) em 1998 e aprovado com classificação máxima de 5 valores. Por falta de verbas, este projecto sobreviveu devido à continuação do apoio por parte do GEHVID e da Junta de Freguesia de Almendra, na pessoa do seu presidente da altura, Dr. José Trabulo.

Aldeia Nova/Olival dos Telhões localiza-se na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, a uma Lat. – 41° 01' 06" e uma Long. – 7° 00' 23" a uma cota média de 272 m. Situa-se a cerca de 2 km, em linha recta para Sudeste, do Monte do Castelo de Calábria. Trata-se de uma estação arqueológica com uma ocupação tardo-romana e alto-medieval, onde se escavou de 1995 a 2000, uma área de cerca de 240 m². Foi posto a descoberto parte da *pars rustica* do que pensamos tratar-se de uma da *villa* tardo-romana. Foi posto a descoberto uma área de tanques de lagar de vinho, bem como, um forno e salas de apoio, com um espólio arqueológico com cronologia dos séculos III/IV aos séculos VI/VII (fig. 1).

O que nos interessa para esta comunicação foi o aparecimento de uma pedra gravada no derrube do muro, U.E.-29. Os muros detectados nesta intervenção arqueológica apresentam um aparelho essencialmente composto de pedras de xisto, apresentando, elementos de granito em cunhais, pedras de soleira e elementos arquitectónicos como bases, fustes e capitéis (fig. 2).

Fez parte da metodologia adoptada nesta escavação, guardar todas as pedras de xisto e todas as *tegulae* e *imbrex* que saem dos depósitos escavados. Foram feitos marouços de pedras e de materiais de construção, que ficam na estação arqueológica, para que, se houver necessidade de uma reconstrução de estruturas, se utilize a matéria-prima original.

No derrube de pedras do muro, U.E.-29, e ao qual se atribuiu a U.E.-88, entre muitas pedras de xisto que foram removidas, uma delas apresentava-se gravada com imagens de animais. Trata-se de uma pedra de xisto com 30 cm de comprimento por uma largura máxima de 12 cm e uma espessura máxima de 5 cm. Apresenta uma face polida e é nessa face que se encontram as gravuras (fig. 3).

Quer pelos motivos apresentados quer pela tipologia do traço se percebeu logo que eram mais antigas que a cronologia da estação.

Foi proposta uma funcionalidade, última, de reaproveitamento na construção do muro do séc. III/IV.

Podemos identificar dois cavalos com tipologia diferente dos que surgiram em rochas na Vermelhosa ou no Vale da Casa, sítios com gravuras da Idade do Ferro.

Os cavalos identificados nesta pedra parecem ser da mesma espécie, talvez pai e filho, pois o que varia é o tamanho (figs. 4 e 5). São gravuras esquemáticas feitas com técnica filiforme.

As patas são marcadas com apenas uma linha cada, sem volume, o focinho bem marcado e as orelhas também marcadas com duas linhas paralelas e espetadas. É ainda de destacar o rabo comprido destas espécies. Não conseguimos identificar mais figuras embora elas existam, esta pedra faria parte de um painel maior, de uma rocha, da qual desconhecemos a localização.

Poderá, ainda, ser levantada a questão da utilização desta pedra como arte móvel, uma espécie de quadro, mas seria possível o conhecimento deste conceito nesta época da nossa história?

Uma coisa é certa, a utilização da matéria-prima, o xisto, foi desde sempre aproveitada ora para fins artísticos, rituais ou meio de comunicação como a gravação de tantas gravuras neste espaço geográfico, para a construção de casas, caminhos e igrejas como vemos nos muros da Aldeia Nova ou para o cultivo da vinha onde se produz um dos melhores vinhos do mundo.

Localização

Enquadramento nas gravuras da Idade do Ferro do Côa

A informação que podemos tirar da descoberta desta pedra, que não se fica pela sua cronologia e tipologia, pode ajudar-nos a conhecer o tipo de povoamento na Idade do Ferro, época tão mal conhecida nesta zona. Para este trabalho tentámos fazer uma retrospectiva do que se conhece nesta zona para a Idade do Ferro.

Em pedras isoladas como é o caso do aqui apresentado e em contexto arqueológico, esta é a primeira a ser exumada.

Em sítios como a Canada do Moreira, Canada do Arrobão, Quinta das Tulhas, Broeira, Meijapão, Canada do Amendoal, Namorados foram encontradas gravuras da Pré-história recente, no Orgal foram registadas as gravuras de cavaleiros da Idade do Ferro (Jorge, 1998: 15), na Penascosa foram registadas gravuras da Pré-História Recente e da Idade do Ferro e na Ribeirinha pinturas da Pré-História Recente.

Claro que hoje são conhecidos muitos mais sítios com gravuras e/ou pinturas destas épocas e nesta região com o decorrer e avanço das investigações realizadas pelo Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART).

Na Idade do Ferro estas gravuras foram realizadas recorrendo-se, essencialmente, à técnica filiforme. Esta técnica caracteriza-se por produzir traços finos. Os motivos filiformes são obtidos com pontas aceradas de sílex ou quartzo (Baptista, 1999: 24) e estas gravuras caracterizam-se pelo seu semi-esquematismo e sub-esquematismo narrativo da Idade do Ferro do Côa (Baptista, 1999: 35).

Apresentam, basicamente, símbolos antropomorfos, zoomorfos (equídeos e cervídeos), figurações de armas (como falcatas, lanças, setas, etc.) e encontram-se espalhadas por uma vasta área geográfica.

A tipologia de cavalos é muito peculiar, com figuras de corpo alongado, pescoço alto e fino, e os quartos traseiros do animal frequentemente dados em perspectiva torcida.

No Vale da Casa os cavalos encontram-se sugeridos apenas pela linha cerviceo-dorsal; ou com os quartos traseiros, vistos de frente ou em forma de uma ferradura, a simbolizar o animal no seu conjunto.

As gravuras aparecem algo descontextualizadas tal como outras manifestações artefactuais em relação a locais de povoamento na Idade do Ferro.

Enquadramento na rede de povoamento da Idade do Ferro na região

Resolvemos apresentar quatro sítios que, pelo nosso trabalho de prospecção, nos parece provável ou quase certo que tenham sido povoados na Pré-história recente e/ou na Idade do Ferro. São eles o Monte do Castelo de Calábria, o Rodo do Castelão, Santo André e a Marofa. O *Monte do Castelo de Calábria* fica situado na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa a uma Lat. – 41° 01' 51" e uma Long. – 7° 00' 50" a uma cota média de 508 m. Trata-se de um povoado de altura, circundado a Oeste e a Sudoeste pela Ribeira de Aguiar e pela Ribeira do Castelo e a Norte pelo Rio Douro.

Encontra-se numa situação privilegiada de controlo de povoados e de vias fluviais e terrestres (fig. 6).

Os principais vestígios são a sua linha de muralha que envolveria uma superfície de cerca de 60.000 m², grandes silhares, alguns almofadados, restos de pedras de possíveis construções, uma ara não epigrafada e algumas cerâmicas da Idade do Ferro e de Época Romana, e fala-se ainda de se ter encontrado ali moedas mosaicos e sepulturas. Já muito foi dito sobre este monte e muitos autores falaram dele. Pensa-se que tenha sido um castro, possível *civitas* romana com continuidade de ocupação até à Idade Média, sendo sede de bispado na época visigótica, continuando a ser referida durante a ocupação moçárabe (Cosme, 2002).

O *Rodo do Castelão*, situado na freguesia de Escalhão, fazendo fronteira com a freguesia de

Vilar de Amargo, do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, é um outro povoado de altura com cerca de 450 m de altitude, a uma Lat. – 40° 56' 08" e uma Long. – 7° 00' 03". Trata-se de um grande afloramento granítico com vestígios de edificações, cortes na rocha e restos de muros. Notam-se ainda os emparcelamentos de terrenos de cultivo.

Situa-se na margem esquerda da Ribeira de Aguiar. Trata-se de um monte com características defensivas devido ao domínio que exerce sobre o resto da paisagem. Podemos verificar uma linha de muralhas e no topo desta elevação estende-se uma larga plataforma com vestígios de ocupação durante a Pré-história recente e a Proto-história. A meia encosta são visíveis *tegulae* e cerâmicas comuns (Cosme e Marques, 1996).

Santo André, situado na freguesia de Almofala, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a uma Lat. – 40° 53' 06" e uma Long. – 6° 50' 01", é um povoado de altura, com cerca de 556 m de altitude, apresenta-se numa elevação sobre o Rio Águeda, controlando uma vasta área de território. É sem dúvida o povoado indígena com maior importância na região, com estruturas mais relevantes e que na nossa opinião poderia ter sido a capital dos *Cobelci* (Cosme, 2002). Manuel Andrade Maia supõe ter existido aqui um santuário proto-histórico devido à presença dos dois berrões (fig. 7). São figuras toscas em esculturas de pedra representando porcos, touros, carneiros ou javalis, normalmente associadas a representações de divindades, ex-votos a uma entidade tutelar, protectora de rebanhos e propiciadora da fertilidade destes, por vezes ligado à pastorícia. O contexto, a cronologia e variedade formal destes elementos gera alguma discordância quanto a significados e a funções, mas a sua presença neste local é por demais importante sejam quais forem os significados, funções e/ou as cronologias que lhes atribuímos.

Este local encontra-se circundado com uma muralha de pedra granítica de pequenas dimensões e são ainda visíveis bastantes cerâmicas proto-históricas e de época romana. É ainda visível que a capela de Santo André, uma construção do século XVI, emprega no seu aparelho construtivo pedras almofadas e fustes de colunas de época romana reutilizadas. Foi ainda encontrada uma inscrição datada do século II d. C.

A *Marofa*, situada na freguesia de Castelo Rodrigo, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a uma Lat. – 40° 51' 55" e uma Long. – 6° 59' 27", é um povoado de altura com cerca de 976 m de altitude com uma visibilidade extraordinária para todo um território envolvente. Teria sido um castro com defesas naturais, formadas por rochedos escarpados e ladeiras íngremes dispostas em redor do cume da serra. Foi ali encontrada, em 1946, uma ara epigrafada romana. Hoje os vestígios visíveis são poucos ou nenhuns.

Para além destes quatro sítios principais fazemos referência ainda à *Palumbeira*, situada na Freguesia de Cinco Vilas, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a uma Lat. – 40° 56' 06" e uma Long. – 6° 57' 09", com uma altitude de cerca de 706 m. Trata-se de provavelmente um povoado mineiro em Cinco Vilas onde apenas foram encontrados materiais cerâmicos do Calcolítico e da Idade do Ferro.

Refira-se ainda o *Castelo em Algodres*, situado na freguesia de Algodres concelho de Figueira de Castelo Rodrigo com ocupação calcolítica; o sítio de *Santa Bárbara*, situado na freguesia de Algodres concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, com possível ocupação da Idade do Ferro; *Castelo Rodrigo*, situado na Freguesia de Castelo Rodrigo, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, com ocupação da Idade do Ferro; o *Castelo*, situado na Freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, do qual hoje apenas resta o topónimo; e a *Fortaleza*, situada na freguesia de Escarigo, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a cerca de 561 m de altitude, onde se junta a Ribeira de Escarigo à Ribeira de Tourões, (há quem lhe atribua a designação de castro, embora só possível confirmar com escavações).

Podemos concluir, assim, que apesar de não se apresentar um povoamento semelhante ao do

litoral Norte do país com uma profusão de castros e uma visível hierarquização entre eles, esta zona do país teve ocupação na Idade do Ferro.

Faltam, necessariamente, mais estudos de prospecção, de escavação e de estudo de materiais desta época e relacioná-los com as, cada vez mais numerosas, representações em gravuras e/ou pinturas desta época, esperando que este pequeno contributo que apresentamos possa vir a servir para esse estudo continuado que é necessário fazer.

figuras



fig. 1 Aldeia Nova/Olival dos Telhões.



fig. 2 Aldeia Nova/Olival dos Telhões,
U.E.-088.



fig. 3 Pedra da U.E.-088.



fig. 4 Pormenor da pedra da U.E.-088.

fig. 5 Pormenor da pedra da U.E.-088.



fig. 6 Monte do Castelo de Calábria.



fig. 7 Santo André.



fig. 8 Vale do Côa em Almendra.

bibliografia

- ALMARGO-GORBEA, M. (1998) – La Protohistória de Riba Cõa. In *O Tratado de Alcanices e a importância histórica das terras de Riba Cõa*. Lisboa: Universidade Católica Editora, p. 81-105.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. (2001) – Los vettones. In *Celtas y Vettones*. Ávila: Excma. Diputación Provincial de Ávila.
- AUBRY, T.; CARVALHO, A. F.; ZILHÃO, J. (1997) – Arqueologia. In ZILHÃO, J., ed. – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Cõa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 74-209.
- AUBRY, T.; CARVALHO, A. F. de (1998) – O povoamento pré-histórico no Vale do Cõa: Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). *Côavisão: Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Cõa. 0, p. 23-34.
- BAPTISTA, A. M. (1999) – *No Tempo sem Tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Cõa*. Vila Nova de Foz Cõa: Parque Arqueológico do Vale do Cõa.
- CABRAL, A. A. D. (1963) – *História da cidade de Calábria, em Almendra: Subsídios*. Porto: Ed. da Casa da Beira Alta.
- CABRAL, A. A. D. (1969) – A ara votiva do Castro da Marofa. *Beira Alta*. Viseu. 28, p. 3-11.
- COIXÃO, A. do N. S. (1996) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Cõa*. Vila Nova de Foz Cõa: Câmara de Vila Nova de Foz Cõa. p. 126-127; 202-203.
- COSME, S. R. (1998) – Aldeia Nova: Resultados de uma primeira sondagem. *Côavisão: cultura e ciência*. Vila Nova de Foz Cõa. 0, p. 63-68.
- COSME, S. R. (2001) – O lagar romano de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra; Vila Nova de Foz Cõa). *Douro Estudos & Documentos*. Porto. 12 [Actas do II Simpósio Internacional da História e Civilização da Vinha e do Vinho da Cultura da Europa. Porto-Lamego-Vila Real a 10,11 e 12 de Setembro de 2001], p. 55-62.
- COSME, S. R. (2002) – *Entre o Cõa e o Águeda: Povoamento Romano e Alto-Medieval*. [Dissertação de mestrado, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto].
- COSME, S. R.; MARQUES, M. do R. (1996) – *Monte Calabre: Rupturas e continuidades na organização do povoamento*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional do Rio Douro. Vila Nova de Gaia.
- COSME, S. R.; MARQUES, M. do R.; FARIA, P. B. de (1996) – Monte Calabre: Rupturas e continuidades na organização do povoamento do vale do Douro durante a Idade Média: Primeira Notícia. *Douro: Estudos & Documentos*. Porto. 1, p. 278-279.
- FIDEL FITA, S. J. (1913) – Calábria Romana. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 62, p. 173-182.

FRADE, H. (1998) – Ara a Júpiter da Civitas Cobelcorvm. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 58, n.º 266.

JORGE, V. O. (1998) – O Património Arqueológico da região de Foz Côa, da pré-história à época romana: Sua promoção local e global, aos níveis científico, cultural e turístico. *Côavisão: Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Côa. 0, p. 11-21.

MAIA, M. M. da F. A. (s.d.) – *Subsídios para a Carta Arqueológica do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*. [Trabalho manuscrito de que se perdeu o rasto].

POLICARPO, D. J. da C. (1998) – A cidade romana e a Diocese de Calábria. In *Tratado de Alcanices e a sua importância histórica nas terras de Riba Côa*. Lisboa: Universidade Católica Edições, p. 109-114.

ROLDAN HERVAS, J. M. (1968-69) – Fuentes Antigas para el Estudio de los Vetones. *Zephyrus*. Salamanca. 19-20, p. 73-106.

SALINAS de FRÍAS, M. (1994) – Unidades organizativas indígenas y administración romana en el valle del Duero. In *Las estructuras sociales indígenas del norte de la Península Ibérica*. Vitória: Universidad del País Vasco; Servicio Editorial, p. 167-179.

SILVA, A. C. F. da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, A. C. F. da (2001) – Los pueblos lusitano-galaicos. In *Celtas y Vettones*. Ávila: Excm. Diputación Provincial de Ávila, p. 334-349.

SILVA, J. J. da (1992) – *Monografia do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*. Figueira de Castelo Rodrigo: Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

SOUSA, D. G. de V. e (1993) – *Subsídios para o levantamento do Património Construído de Almendra*. Porto: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

VITERBO, Fr. J. de S. R. (1965-66) – s.v. Calábria. In *Elucidário das Palavras, Termos e Frases*. Vol. II. Porto: Livraria Civilização, p. 61-63.

VIVES GATELL, J.; MARIN MARTINEZ, T.; MARTINEZ DIEZ, G. (1963) – *Concíllos visigóticos e hispano-romanos*. Barcelona-Madrid: Instituto Enrique Florez.